



ESPAÇO HOSTIL E SUJEITOS OPRIMIDOS EM O CONTO SUA ALMA, SUA PALMA, DE BERNARDO ÉLIS

Hostile space and oppressed subjects at the tale Your soul, your palm, by Bernardo Élis

Claudia Horrana da Costa Romano

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (Poslli)

claudiaromanolet@gmail.com

Ricardo Jr. de Assis Fernandes Gonçalves

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

ricardo.goncalves@ueg.br

Resumo: A pesquisa apresentada neste artigo dialoga com questões sociais dentro da percepção de espaço delimitada no conto *Sua alma, sua palma*, de Bernardo Élis. Dividido em três partes, a narrativa do conto sintetiza paisagens, credences, diálogos, sujeitos, hierarquias e meios de produção desiguais em um garimpo de diamantes do Sertão goiano. A representação de um espaço hostil e de precárias condições de trabalho revela um cenário de marginalização de sujeitos oprimidos e humilhados na história de Goiás. Os resultados apresentados no texto foram organizados em duas partes. Primeiro, procedeu-se da interpretação do conto *Sua alma, sua palma*, com foco em elementos da estrutura do texto, personagens e suas ações no espaço hostil de submissão de sujeitos explorados e feridos no sertão goiano. No segundo tópico do texto, observou-se que o espaço da narrativa é referência de um contexto social de violência e exploração contra sujeitos deficientes e oprimidos. Chama-se a atenção para a importância das obras regionalistas, como a de Bernardo Élis, para compreender e interpretar a formação social e cultural de Goiás.

Palavra-Chave: Bernardo Élis. Espaço. Garimpo. Violência. Goiás.

Abstract: The research presented in this article dialogues with social issues within the perception of space delimited in the short story *Sua alma, sua palma*, by Bernardo Élis. Divided into three parts, the story's narrative synthesizes landscapes, beliefs, dialogues, subjects, hierarchies and unequal means of production in a diamond mine in the *Sertão* of Goiás. The representation of a hostile space and precarious working conditions reveals a scenario of marginalization of oppressed and humiliated subjects in the history of Goiás. The results presented in the text were organized into two parts. First, we proceeded with the interpretation at the tale *Your soul, your palm*, focusing on elements of the structure of the text, characters and their actions in the hostile space of submission of exploited and injured subjects in the backlands of Goiás. In the second topic of the text, it was observed that the narrative space is a reference to a social context of violence and exploitation against disabled and oppressed subjects. Attention is drawn to the importance of regionalist works, such as that of Bernardo Élis, to understand and interpret the social and cultural formation of Goiás.

Keywords: Bernardo Élis. Space. Mining. Violence. Hostile Environment. Goiás.

INTRODUÇÃO

O espaço, matéria das narrativas construídas pela literatura, é sustentado com intuito de situar e caracterizar as ações de personagens em seu contexto socioeconômico e psicológico. A dimensão espacial da narrativa pode, inclusive, influenciar as personagens em suas atitudes, exercendo nelas uma força que refletirá em suas ações.

O espaço situa geograficamente a personagem e também o leitor. Ele ainda pode representar os sentimentos vividos pela personagem, como, por exemplo: fazendo uma analogia entre espaço e sentimento, a ideia de dia ensolarado remete a sentimento de alegria e dia cinza à tristeza e/ou solidão. A descrição do espaço pode antecipar a narrativa. O narrador, ao apresentar detalhes do espaço em que se encontra a personagem, pode mobilizar o leitor atento a imaginar o que está por vir na narrativa.

Com foco na percepção de espaço, detidamente espaço social e geográfico, a presente pesquisa avalia a ambientação descrita pelo autor goiano Bernardo Élis, no conto *Sua alma, sua palma*, presente na obra *André Louco* (1978). Caracterizado como literatura regionalista, o conto expõe o espaço atuando de maneira incisiva, mostrando a realidade acerca do garimpo em duas facetas: o auge e a decadência. Com base nos dois extremos, a trama vai se constituindo com histórias paralelas que resultam na imbricação das personagens e suas narrativas.

Além desta introdução, o artigo divide-se em duas partes e as considerações finais. No primeiro momento, procedeu-se da interpretação do conto *Sua alma, sua palma*, com foco em elementos da estrutura do texto, personagens e suas ações no espaço hostil de submissão de sujeitos explorados e feridos no sertão goiano. No segundo tópico do texto, observou-se que o espaço da narrativa é referência de um contexto social de violência e exploração contra sujeitos deficientes e oprimidos. Demonstrou-se que o garimpo é representado como lugar da brutalidade das ações de personagens gananciosas pelo enriquecimento profano propiciado pelos diamantes catados no chão cascalhento do sertão. Nas considerações finais, chamou-se a atenção para a importância da obra regionalista de Bernardo Élis como fonte para compreender e interpretar a formação social e cultural de Goiás.

O conto *Sua alma, sua palma*

O conto *Sua alma, sua palma* é dividido em três partes. Na primeira, o autor descreve a paisagem em suas minúcias. Ele retrata o Cerrado como lugar áspero e sem as influências do

ser humano, com plantas rasteiras, pedregulhos e com uma imponente árvore de jatobá que dá sombra e abriga os pássaros, e um pau d'óleo. Nas palavras do narrador:

Naquele vale pedregoso e duro, de vegetação enfezada, rasteira, retorcida, em que as folhas se disfarçavam em espinhos, talos, pontas, onde predominavam canelas d'emas cascudas, ananás, gravatás e outras bromeliáceas, ou muricizeiros, lobeiras, lixeiras – aquele jatobá e um pau d'óleo mais pra baixo eram como dois marcos, duas balizas, que se destacavam de muito longe, muito distante, cá do alto da serra. Eram a bem dizer as duas fontes de sombra no vale quente e faiscante de mica e lascas de cristais da rocha. (Élis, 1978, p. 65).

O narrador apresenta a região denominada de Jaratataca (referência aos odorosos bichos que ali habitavam) antes de nela surgir a movimentação do garimpo de diamantes, explorado por intrépidos garimpeiros. As palavras do narrador evidenciam, assim, cores, cheiros e quenturas desse lugar ermo do sertão. Com a descoberta da primeira gema, a região foi sendo povoada de sobressalto. Homens chegaram “[...] com enxadas, canivetes, picaretas, pás, facões, ralos, carrinhos-de-mão ou de couro de boi, surgiram dezenas de ranchos, o garimpo da jaratataca ganhou fama, seu renome enchia o sertão por inteiro atraindo garimpeiros e aventureiros” (Élis, 1978, p.66). E assim, a paisagem foi se modificando e formando vilarejos. O garimpo é mostrado como espaço de possibilidade para a riqueza, mas também de certezas para a miséria e violência. Ainda nesta primeira parte, o narrador também menciona a escassez da cata e o declínio do garimpo.

A segunda parte narra uma passagem sobre o personagem Erculino, já na velhice e querendo livrar a alma do inferno. Ele quer se redimir com o passado e, para isso, ele precisa contar às pessoas a verdade sobre um importante acontecimento nos tempos do garimpo da Jaratataca. No entanto, ele é impedido pelos filhos por comprometer a reputação e o *status* da família. Erculino não permite ser vencido pelos filhos e, então, entrega uma carta ao enfermeiro Você. Na carta confessa um segredo e incumbe a Você a responsabilidade de divulgar ou não o conteúdo da missiva. Assim, ele dilui o seu fardo.

Na terceira e última parte do conto, subentende-se ser a carta aberta de Erculino. É uma carta-testemunho. Nela conta-se como Erculino foi parar em Jaratataca. Na ocasião, ele era jovem, solteiro e recém-convertido a uma seita protestante conhecida como “Evangélista da Derradeira Hora do Sétimo Dia”. Ele se apresenta como um predestinado por Deus:

Sou um eleito, é Deus que me chama, tenho que partir pelo mundo afora em busca dos pecadores, dos transviados, dos maus de coração, para lhes dizer que o inferno os

espera, que a danação eterna será o seu prêmio, caso não se arrependam em tempo. Tenho que começar logo minha missão e vou iniciar pelo garimpo de Jaratataca. Sei que lá reina a ambição do dinheiro, dos prazeres. Sei que aí é a nova Babilônia do pecado: é a inveja, a ganância, a luxúria, a traição. Deus está me apontando a Jaratataca! (Élis, 1978, p.77).

Na concepção de Erculino, Jaratataca era a nova Babilônia e cabia a ele salvar aquelas almas do pecado. Mas, eis que o destino lhe prega uma peça: de salvador, Erculino se tornou pecador. Na região indômita do garimpo, havia a figura do Inspetor de Quarteirão. Na carta, o Inspetor é descrito como sendo “o senhor de tudo e de todos” e, também, inteligente e ambicioso, pois “[...] sente que o garimpo está acabando e que com ele também acabará sua oportunidade de enriquecimento” (Élis, 1978, p.77-78).

Quando Erculino chegou ao garimpo da Jaratataca, ele demonstrou não sentir interesse pelos valores terrenos, o que lhe rendeu certo apreço por parte do Inspetor, que lhe cedeu um rancho para a hospedagem e as refeições. No entanto, diante da dura realidade do garimpo, o jovem protestante percebeu que ali não era lugar para ele e já estava decidido a pedir ajuda ao Inspetor para ir embora, quando recebeu um chamado para acompanhar o Inspetor numa inspeção do roubo do picuá com diamantes do Brisdo. Os três homens vão ao local do furto e por lá decidem se separar, o Inspetor foi para um lado, Erculino e Brisdo para outro, sob o combinado de o Inspetor manifestar-se com dois gritos ou dois tiros, caso achasse o picuá. Dado o sinal combinado, Erculino e Brisdo vão correndo até a localização do Inspetor, e este está sentado em uma grande pedra do outro lado do rio. Os homens questionam se ele tinha achado, mas ele nada respondia. “O silêncio dele apagou nossa alegria, sufocou-nos, decepcionou-nos” (Élis, 1978, p.81). Instantes depois, o Inspetor se levantou dando as costas para os homens e os chamando para retornarem ao vau.

Chegando ao vau, o Inspetor se depara com Saquinho - o bobo - que estava de pé, próximo do jatobazeiro. “Tá aqui o ladrão. Entrega essas pedras, ladrão dos infernos, entrega as pedras!” (Élis, 1978, p.82). Os homens pensaram ser brincadeira, coisa inventada, até verem o Inspetor ao dar um murro na cara de Saquinho. O bobo não entende o que está acontecendo e mal consegue responder o interrogatório. Não satisfeito, o Inspetor derruba Saquinho no chão para intensificar seus atos de violência. “[...] debaixo dele o bobo sangra, tem os beiços partidos pelos socos, o nariz também escorre muito sangue, ele não resiste e já espinoteia por baixo da bunda do Inspetor, esforçando-se por respirar, por beber o ar que o inspetor lhe nega através do enforcamento” (Élis, 1978, p.82).

Diante da cena, Brisdo fica imóvel e Erculino tenta intervir pela defesa do bobo. E então, o Inspetor reverte a situação e passa a acusar o protestante salvador. O Inspetor dá ordens para que o próprio Saquinho amarrasse Erculino. Naquele momento, Erculino desconfiava das atitudes e honestidade de sua autoridade, pois, diante da pressão de justificar a própria inocência ou acusar outro inocente, ele pensou: “[...] se eu me atribuisse o furto, simplesmente o Inspetor me matava e continuaria com os diamantes, que ninguém o iria denunciar. Se eu culpasse o bobo, certamente que o Inspetor continuaria com os diamantes, mas eu impediria a morte de Saquinho imediatamente” (Élis, 1978, p.86).

Imputado o crime ao Saquinho, o Inspetor arrastou o suposto culpado até o jatobazeiro, onde se “justificavam os criminosos”, e ainda deu ordens para que Erculino o amarrasse na árvore. O protestante tinha esperança de salvar Saquinho da morte antes que os garimpeiros chegassem no sábado do povoado, já que pretendia convencer o Inspetor, assim que estivesse calmo, do enorme pecado que seria se ele matasse o bobo.

Preso ao tronco, Saquinho implora por sua vida e é forçado a confessar, em vão, seu único pecado, o real motivo de estar ali na mata: ele só estava depenando o sabiá. O Inspetor e também o Brisdo debocham da confissão de Saquinho. Depois, o Inspetor exige a retirada deles da proximidade da árvore. Já mais afastado, Erculino ouve um barulho de tiro e de gritos de vitória e alegria vindos do Brisdo, seguido de mais seis tiros de revólver do Inspetor. De acordo com Erculino, “[...] até hoje, por mais que me esforce, não consigo reconstituir como tudo se passou” (Élis, 1978, p.80).

Posterior à obra de Bernardo Élis e, de forma mais ilustrativa, a produção cinematográfica *Serra Pelada* (2013), do diretor Heitor Dhalia, baseada em fatos, também retrata como era o espaço do garimpo. A película mostra a região da Serra Pelada, localizada no estado do Pará, já no auge do garimpo, com a natureza transformada pelo homem, de terra e lama vermelha, morros e depressões. Esse espaço social hostil serve de palco, tal como Jaratataca, para os mandos e desmandos de uns, com mais força e influência; situação de exploração da terra e do homem, sob circunstâncias de trabalho análogos à escravidão; e a prostituição como diversão.

Em Serra Pelada, a lei é “de dia é trinta, de noite é trinta e oito”. Assim definiu o narrador-personagem do longa-metragem, Joaquim, a respeito da ausência da ordem e da lei na região, pois manda e impõe respeito quem tem coragem de atirar. Sentidos os efeitos do ambiente e do caos, Joaquim confessa: “Esse lugar realmente piora a gente”. Dessa maneira,

em *Sua alma, sua palma*, o narrador destaca que “Jaratataca está fora de qualquer noção de bem ou de mal” (ÉLIS, 1978, p.77).

Também faz parte da diegese do conto de Élis, retratar a ascensão e a queda do garimpo e de tudo que gira em torno deste como a ganância, a riqueza ilícita, a violência, a exploração, a prostituição, a figura de mandantes como o Parva e o Inspetor de Quarteirão, de intituladas autoridades como o Inspetor e dos carrascos (pau-mandado) como o Paratudo.

Outra figura emblemática do conto é o jatobazeiro, que compõe a paisagem do vau do Jaratataca, mas que pode até ser considerado como mais uma personagem da narrativa. Essa árvore típica do Cerrado, frondosa, imponente e sombrosa, que abrigava os pássaros que ali pousavam, também passou a servir de tiro-alvo dos garimpeiros e, em especial, de “justiça” para os criminosos.

Aos sábados, desde que o sol pegava a descambar e os faisqueiros vinham chegando, religiosamente principiava o tiroteio no pé de jatobá, no qual acontecia haver gente amarrado, de vez em quando. Era como um regozijo pelo retorno à vida e ao convívio humano que trariam aquele sábado e pedaço de domingo. Os tiros publicavam a alegria de topar conhecidos, receber cartas e avisos de parentes distantes, ouvir música de sanfona e vitrola, beber cachaça e comer coisa cosida com tempero [...] (Élis, 1978, p.67)

Contudo, o florescer do jatobazeiro findou-se junto com a decadência do garimpo. Consequência de tanto “levar estanho”, a árvore murchou as folhas e derrubou frutos antes do tempo. “A bela árvore apresenta o aspecto desolado que hoje tem: um espectro bracejando os galhos secos no vau sempre fumacento no Jaratataca” (Élis, 1978, p.68). E, mesmo com a minguada população do garimpo, o pé de jatobá continuava a ser assolado com balas.

O título, *Sua alma, sua palma*, faz uma intertextualidade com um provérbio popular antigo ligado à ideia de desobediência e consequência. Ou seja, ele é usado para advertir alguém sobre a(s) consequência(s) de sua(s) má(s) atitude(s). Nesse sentido, o título é uma premissa para o desfecho do conto. Saquinho sofreu as consequências por desobedecer sua mãe, que havia lhe advertido de se aproximar da região do garimpo, porque “[...] garimpo é terra do cão, que garimpo é perigoso que nem capeta, que nem cobra enfezada” (ÉLIS, 1978, p.88). E ao invadir esses limites, Saquinho pagou seu pecado com a própria vida. “Tudo foi o pecado que tava cometendo, bem a mãe dizia” (ÉLIS, 1978, p.88). Já a consequência de Erculino é o remorso por não ter conseguido salvar o bobo inocente e por sua covardia de ter guardado este segredo.

Diante disso, no conto, também temos a passagem que remete às crenças de que o garimpo pode trazer a riqueza, mas ela virá acompanhada de maldições, “home, até o capeta, que diamante é trem do cuisa-ruim... Adondo tá o diamante, aí tá o xujo espiano nóis...” (Élis, 1978, p. 79). Encontrar a tão sonhada pedra significa ter que lidar com uma riqueza amaldiçoada.

O espaço como denúncia social

Ao analisarmos o espaço como composição da narrativa dentro da ficção, podemos inferir sobre sua capacidade de formar sentidos. Com base nisso, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro afirma que “[...] a construção do ‘lugar’ ou do conjunto de lugares que um romance contém levaria à consideração de que o ‘espaço’ é, ao mesmo tempo, ‘meio’ do sentido e também seu ‘objeto’” (2002, p. 14). Em *Sua alma, sua palma*, o espaço constitui sentidos, visto que, no início, o narrador nos dá detalhes de um lugar hostil e habitado apenas por animais e “paisagem feia e agressiva” do Cerrado, logo depois narra o momento em que o lugar começa a ser povoado e, por fim, narra o declínio do garimpo.

Nas narrativas ficcionais, perceber o espaço possibilita analisar as personagens dentro de um contexto partilhado, ou seja, é possível analisar e problematizar as relações humanas que se desenvolvem em espaços comuns.

Dar forma literária ao espaço equivale a conformar verbalmente a linha de separação e união entre a personagem como sujeito perceptivo e o que está fora dela; equivale a distinguir e situar as coisas delimitáveis no mundo que as personagens habitam e a explicitar processos de percepção do entorno pelas personagens. Equivale também, não raro, a destacar nas personagens a noção do ilimitado, dada a dimensão potencialmente infinita do espaço enquanto meio físico e forma da intuição. E equivale a figurar, no horizonte das personagens, a percepção de outros indivíduos por elas e o deslocamento de sua perspectiva subjetiva para outros pontos, quando podem ver a partir da perspectiva de outros, de modo objetivo (Soethe, 2007, p. 222-223).

De acordo com Antônio Candido, desde a década de 1930, houve mudanças na literatura regionalista, o que ocasionou o que podemos nomear de “desconstrução” da visão amena que era imposta no que se referia ao homem rústico. Revelando, assim, “[...] a repercussão que traria a consciência do subdesenvolvimento como mudança de perspectiva, que evidenciou a realidade dos solos pobres, das técnicas arcaicas, da miséria pasmosa das populações, da sua incultura paralisante” (Candido, 1965, p. 141).

Bernardo Élis destacou-se na literatura goiana como romancista, contista, poeta, cronista e crítico literário, uma de suas obras mais conhecidas é *Veranico de janeiro*, publicada em 1966. Sua escrita é conhecida pela representação do sertão goiano, e traz a cultura, os costumes, as credences da região, além de possuir um caráter de denúncia social. Para Élis “representou o sertão no que ele tinha de privação, escassez, ruína, degradação, corrupção, em síntese, de atraso”. (Braga, 2019, p.85).

Logo no primeiro parágrafo do conto, o narrador introduz um espaço que, segundo a pesquisadora Albertina Vicentini, pode ser considerado como noção de sertão a “terra desconhecida, inóspita, ignorada e bárbara” (2007, p. 187). Característica da escrita de Bernardo Élis, a denúncia de ambientes de trabalho inóspitos e de trabalhadores explorados está presente em *Sua alma, sua palma*.

Naquele vale pedregoso e duro, de vegetação enfezada, rasteira, retorcida, em que as folhas se disfarçavam em espinhos, talos, pontas, onde predominavam canelas d’emas cascudas, ananás, gravatás e outras bromeliáceas, ou muricizeiros, lobeiras, lixeiras – aquele jatobá e um pau d’óleo mais pra baixo eram como dois marcos, duas balizas que se destacavam de muito longe, muito distante, cá do alto da serra. Eram a bem dizer as duas fontes de sombra no vale quente e faiscante de mica e lascas de cristais de rocha (Élis, 1978, p. 65).

Dentre todas as contribuições do espaço na literatura, podemos destacar também a sua função de organização e significação dentro do contexto social e político. “As indagações culturalistas, atentas à questão das identidades sociais e à configuração das esferas públicas, evidenciam que ao espaço se vincula uma questão de cunho eminentemente político” (Brandão, 2005, p. 127). Torna-se inviável, dentro da literatura, afastar espaço de sociedade, sujeito de objeto.

A representação da sociedade na literatura não deve ser considerada apenas como um espelho consequente do incômodo com as questões sociais. Mas, como parte genuína da literatura, costurando, assim, um social representado de maneira orgânica. Por esse ângulo,

Podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar na matéria do livro a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem com enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado anteriormente: o externo se torna interno e a crítica deixa de

ser sociológica, para ser apenas crítica. O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros (Candido, 1965, p.7).

As observações de Candido (1965), ao dimensionar a importância do elemento social da experiência artística, também colaboram com as aproximações entre Geografia e Literatura, ou o que Gonçalves (2020) denomina interpretações literogeográficas. O diálogo entre a Geografia e a Literatura resulta em um caminho de enriquecimento para os dois lados. A partir do aporte desconstrucionista, pode-se pensar o espaço paralelamente como sistema de organização e significação. Ao espaço podemos vincular questões de cunho político. De acordo com Albertina Vicentini,

Em literatura, cenário é lugar, decoração, pintura, paisagem, flora, fauna, etc., mas também é cena, lugar onde acontecem as ações praticadas pela rede dos personagens, lugar de onde se fala, componente concreto da percepção do tempo abstrato – a mudança de cenário releva mudança de ação, tempo, mesmo que simultâneo. Enfim, é paradigma social e aspectual. Um cenário, para não pecar em literatura, deve ser sempre um cenário também social (Vicentini, 2007, p. 190).

Em *Sua alma, sua palma*, o espaço geográfico como cunho político-social é abordado por Bernardo Élis constituindo uma trama enredada em denúncias sociais, demonstrando o coronelismo¹ atuante no Garimpo da Jaratataca.

Sol descambando, à proporção que iam beirando o vau, como que obedecendo a uma determinação de lei, iam descarregando suas armas no homem ali amarrado: carabinas, clavinotes, velhas espingardas de braga, de carregar pela boca, aqueles trabucos que quando disparavam deixavam um círculo de fumaça que se ia abrindo nos ares, crescendo e diluindo. No outro dia, ao pé do jatobazeiro restava um monte moído e sangrento, ao qual acorreram instantaneamente moscas de um azul de pedra rara, zumbidoras e velozes, que logo foram espantadas pelos cães famintos e alguns porcos [...] (Élis, 1978, p. 67).

Reconhecido por adentrar questões pouco difundidas na literatura de seu tempo, Bernardo Élis explora em *Sua alma, sua palma*, violências destinadas à figura da mulher “[...] uma daquelas prostitutas desdentadas, imundas, suarentas, sífilíticas e cheias de gonorreia que infestavam o garimpo cada sábado, surgindo dos pontos mais inexplicáveis, com suas baciinhas

¹ Prática de cunho político-social, oriunda do meio rural e principalmente das pequenas cidades do interior. Configura a maneira que a elite, detentora da propriedade rural, controla os meios de produção, detendo o poder econômico, social e político.

esfoladas e fedorentos panos de limpar” (Élis, 1978, p. 67) e à figura do bobo, representado por Saquinho.

Saquinho era meio imbecil, muito conhecido de todos. Antigamente chegara a trabalhar nas catas, mas agora não tinha serviço para ele, que vivia sem que ninguém pudesse atinar como. Diziam que se alimentava de moscas, tanajuras, filhotes de cumim, brotos de algumas plantas silvestres que só ele conhecia, que a avó ou o avô era bugre obrigado a trabalhar amarrado no laço mode não fugir (Élis, 1978, p. 79-80).

As duas figuras marginalizadas dentro do conto, sofrem as ações covardes e cruéis do Inspetor de Quarteirão. As mulheres são caracterizadas “[...] mulher-fêmea”, frequentando o garimpo “sábado a partir das onze horas até o meio-dia de domingo [...] a partir daí enxotava-as com pauladas, pescoções, pontapés” (Élis, 1978, p. 67) e a figura do bobo condenada à morte na condição de bode expiatório

Naquele maldito dia, dizia ele, eu já desconfiava – e desconfiava profundamente – de que o Inspetor achara o picuá contendo as gemas e ficara com ele, em vez de o entregar ao verdadeiro dono que era Brisdo; e mais: o Inspetor, para se ver livre, passou a acusar o débil mental de autor do furto. Se porém naquele tempo Erculino tinha apenas desconfiança, hoje, entretanto, tem a mais plena convicção de que o Inspetor furtou as gemas e fez do débil seu bode expiatório (Élis, 1978, p. 75).

Neste sentido, pode-se dizer que as produções literárias revelam os dramas, as contradições e os conflitos que grafam a história e a geografia de determinada sociedade. No caso de Goiás, a obra de Bernardo Élis criou um universo de exploração, desigualdade e hostilidade de poderosos contra explorados no sertão. O espaço social hostil, habitado por pessoas deficientes, agregados, meeiros, garimpeiros e roceiros foi representado com exímia narrativa literária regionalista. Através de obras regionalistas como a de Bernardo Élis, conhecemos e reconhecemos a formação social e cultural de Goiás.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto regionalista *Sua alma, sua palma* narra em detalhes o sertão goiano, dando forma literária ao espaço hostil do Garimpo da Jaratataca. Diante do espaço proposto pelo narrador, são costuradas histórias que possuem suas tramas já conhecidas no mundo literário, tratando de narrativas regionalistas acerca do garimpo. Contudo, Bernardo Élis apresenta uma

narrativa autêntica com neologismo, expressões linguísticas e misticismos característicos da escrita do goiano, fornecendo, assim, um material de pesquisa inesgotável para as mais variadas linhas de estudo.

A obra de Bernardo Élis, situada no campo da literatura regionalista produzida em Goiás, é referência fundamental para as interpretações que almejam compreender a formação social e cultural do sertão goiano. A narrativa bernardiana foi incisiva em demonstrar as contradições do latifúndio e a inclemência da maldade de patrões contra roceiros, agregados e meeiros do mundo rural goiano. Suas personagens sintetizam o espaço hostil no qual sujeitos marginalizados viviam em situação de pobreza, analfabetismo, deficiência e exploração, conforme demonstrado no conto *Sua alma, sua palma*.

Ficcionalizar o espaço é tematizar sistematizações recíprocas entre figuras humanas e suas adjacências. No entanto, é também tornar complexas as relações entre as próprias figuras, no compartilhamento de espaços comuns. Assim, Bernardo Élis representa um dos principais escritores do regionalismo literário goiano, trazendo dentro da sua obra emblemática ferramentas que atuam de maneira incisiva com caráter de função social e de denúncias.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRAGA, Pauliane. **Entre sertões: comunismo e campesinato na obra de Bernardo Élis**. **Belo Horizonte**: Editora UFMG, 2019.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Breve História do espaço na Teoria da Literatura**. Cerrados. Brasília, UnB, n. 19, p. 115-133, 2005.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

ÉLIS, Bernardo. **André Louco**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1978.

Borges FILHO, Oziris. Espaço e literatura: introdução à topoanálise. **Anais...** XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, convergências. São Paulo: USP, 2008.

GONÇALVES, R. J. de A. F. Cascalhos Inclementes: Garimpo e Violência no conto “Sua Alma, sua palma”, de Bernardo Élis. Revista **Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais**, v. 9, n.1, p.87-106, 2020.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O Mapa e A Trama**: Ensaios sobre o conteúdo Geográfico em Criações Romanescas – Florianópolis Ed. Da UFSC, 2002.

SERRA PELADA. Direção: Heitor Dhalia. Produção de Andreza de Faria, Heitor Dhalia, Tatiana Quintella e Wagner Moura. Brasil: Warner Bros, 2013. Globoplay.

SOETHE, Paulo Astor. **Espaço literário, percepção e perspectiva**. Aletria, Minas Gerais, vol. 15, jan.-jun., 2007, pp. 221-229.

VICENTINI, Albertina. **Regionalismo literário e sentidos do sertão**. Sociedade e Cultura, vol. 10, n. 2, julho-dezembro, pp. 187-196, 2007.

SOBRE OS(AS) AUTORES(AS)

CLAUDIA HERRANA DA COSTA ROMANO

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás.

<http://lattes.cnpq.br/5819710697498671>

RICARDO JR. DE ASSIS FERNANDES GONÇALVES

Professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO-UEG); e professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás. Membro do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (Icebe) e do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG). Pesquisador Bolsista em Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ-2).

<http://lattes.cnpq.br/9537143258969339>